Francisco José Figueiredo Coelho

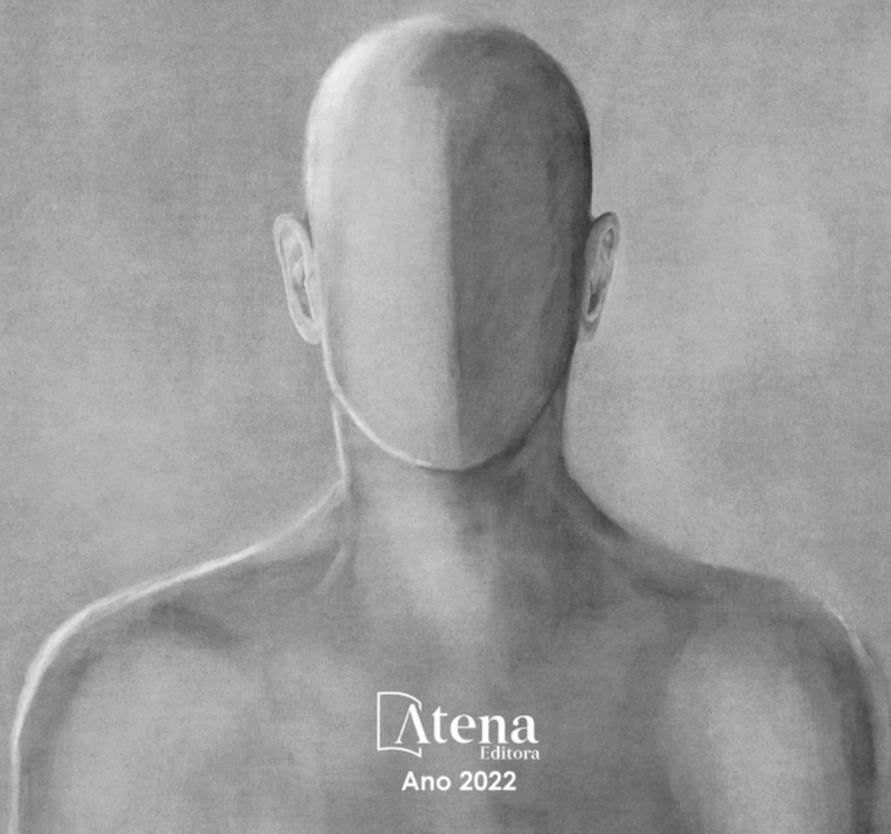
Expressões Poéticas

Décadas Plenas

Atena Editora
Ano 2022

Francisco José Figueiredo Coelho

Expressões Poéticas

Décadas Plenas

Atena Editora

Ano 2022

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Bruno Oliveira
Camila Alves de Cremo
Daphynny Pamplona
Luiza Alves Batista
Natália Sandrini de Azevedo
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

LINGUÍSTICAS,
LETRAS E
ARTES

Atena
Editora
Ano 2022

Expressões poéticas: décadas plenas

Diagramação: Bruno Oliveira
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Francisco José Figueiredo Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C672 Coelho, Francisco José Figueiredo
Expressões poéticas: décadas plenas / Francisco José Figueiredo Coelho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0369-2
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.692220807

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Coelho, Francisco José Figueiredo. II. Título.

CDD 869.91

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

PREÂMBULO

Em certas ocasiões, julgava-me triste e deprimido, sem fôlego ou energia para ir adiante. Em outras, me sentia alegre em abundância. Seria isso um transtorno, um mal a ser vencido? E, por vezes, a nós mesmos, na busca de justificar uma inadequação de nossa existência no mundo. Vivemos em paradoxos, alguns deles legitimamente absurdos. Foi a linguagem poética que me desafiou. Aprendi isso com ela. A partir das críticas que fazia ao mundo, comecei a explorar a proposta do autoconhecer. Por que não posso ser muitos em uma só unidade? Por que devo me alienar nos clichês moralmente corretos e nas convenções sociais? Aprendi a conviver com as expressões poéticas de diferentes estilos e formas. A arte poética me faz rever minhas subjetividades, me confronta e, ao mesmo tempo, me perturba e me conforta. É a subjetividade na objetividade, é objetividade na subjetividade. No fundo, é um exercício intelectual conviver com toda essa dicotomia.

Francisco Coelho

UMA PONTUAL APRESENTAÇÃO

Caro leitor,

Esta obra é fruto de expressões poéticas específicas de duas décadas. Expressões que envolvem o amor, a dor, a paixão, a frustração, a abdicação, os questionamentos e o reconhecimento pela grandiosidade da vida. Por isso, as denomino de décadas plenas. Abarca experiências íntimas comigo mesmo e impressões que carreguei (e tenho carregado) com o mundo e por ele.

Minha existência, assim arrisco dizer, sempre foi poética. Contudo, nem sempre me dei conta disso. Colocar no papel é diferente de simplesmente sentir. Todos, de alguma forma, sentem. Outros, sentem e organizam - em palavras - o que sentiram. Esse é exatamente o meu caso. Para a expressão poética não há regras. A certeza única é a presença do sentimento.

No ano de 2009, assisti ao espetáculo teatral “Parem de Falar Mal da Rotina", no teatro do Serviço Social do Comércio (SESC ginástico), no Centro do Rio de Janeiro, com a poetisa e atriz Elisa Lucinda. Fiquei perplexo ao perceber como as emoções do outro podem nos tocar e oferecer cenários de reflexão sobre a nossa existência. Talvez já soubesse disso, embora não houvesse me dado conta. Naquela ocasião, notei o quanto tudo ao meu redor era poético: o rir alheio, o não rir, o chorar de alegria, o chorar de tristeza. Em outras palavras, a ficha caiu! A vida é poética em sua essência. Respirar, sentir dor e prazer, amar, se frustrar, sentir sabores e gostos, tudo isso reaviva memórias presentes e pretéritas. Este evento, em especial, foi um grande disparador para meu caminho da escrita de poemas e poesias. Foi literalmente um pontapé poético. Depois disso, debutei. Houve um período mais tímido de produção poética, entre 2011 e 2017. A partir de 2019, o espírito poético – que se encontrava adormecido - retornou para matar as saudades e perdurou.

Espero que aprecie a leitura e permita que minhas emoções e sensações, em distintos períodos de minha história, proporcionarem novos olhares diante da vida, do pretérito ao desconhecido. O eu lírico oscila. Entre o masculino e o feminino, entre a dor e o prazer, paradoxos que emanam energias de vidas passadas, de experiências interrompidas ou continuadas, que se fundem no Universo em tempo-espaço remoto.

Qualquer semelhança com sua realidade é mera coincidência poética e revela o quanto nós seres humanos somos próximos em nossa existência e plenitude. Sinta-se convidado a explorar mais de você mesmo a partir de mim.

Francisco Coelho

SUMÁRIO

ENCONTRO COM O MAR

Ah, o mar! Lindo mar!

Tão confortável é sentir meus pés afundarem sobre a alva areia da praia.

Tão alegre é a possibilidade de observar as diferentes cores em cada praia que visito.

Mesmo distante dela, basta fechar os olhos para sentir a areia fria e suave escorrer entre minhas mãos, se depositando na outra palma, como numa ampulheta.

É exuberante sentir a brisa anfitriã que toca meu rosto a cada novo encontro com o mar e traz consigo o perfume úmido e salino das ondas.

Como é bom ver o mar! Como é bom senti-lo!

Alegro-me pelo desejo que antecede a visita e alimento-me da paz que carrego em minha alma, quando tenho que partir.

Banhar-me em suas águas e compartilhar o espaço com os peixes que ali habitam me faz sentir mais criatura e me aproxima do criador.

Ouvir o movimento das águas batendo na margem acaricia meus ouvidos e massageia minha mente.

Suas altas ondas não me assustam. Elas me infantilizam.

Me fazem correr para longe, para que eu não seja derrubado.

E , quando recuam, me convidam novamente para um novo espetáculo de calmaria.

O mar, definitivamente, revela a grande dimensão de minha felicidade

Peço a meus pais e grandes amigos que se, por acaso, antes deles partir

Que catalisem meu corpo ao pó.

Carreguem minhas cinzas residuais em suas delicadas mãos e façam com o que de mim sobrou o mesmo movimento ampulhetário que sempre fiz com as areias da praia.

Desejo que, em pitadas, temperem o mar com o meu sabor.

Peço que permitam o meu eterno e último mergulho

Escolham o mar mais bonito, onde eu nunca tenha visitado.

Escolham a praia que eu jamais tenha apreciado

Para que o vestígio de meu corpo se dissipe para sempre

no mais belo e lindo mar.

Francisco Coelho, 14/12/2009.

ARRISCANDO OS RISCOS

A minha existência é uma taça transbordante de riscos.

Riscos que frustram, que consolam, que dilaceram expectativas, mas que podem alimentá-las.

Lamento que muitos discordem de mim e se recolham a um mundo ausente de suas descobertas

De que adiantaria viver livre de riscos?

A vida, em toda sua simplicidade e sabor, é temperada com seus diferentes riscos.

O risco do gosto, o risco do desgosto. Todos esses, riscos.

A própria concepção e o nascimento da espécie humana resultam do risco da vida.

Conhecer amigos é um risco. Apaixonar-se é um risco. Amar é um risco.

A vida é curta demais para ficarmos presos na incoerência de nosso pudor, em prol da sabedoria de nosso aventureiro instinto.

É, no entanto, longa demais, para que os alienados na imensidão da ignorância consigam chegar ao topo, sem desistência.

Sair da inércia de meu cotidiano e subir escadas que nem sei onde me levam...

Que prazer que tenho! Subir degraus de lugares onde jamais ouvi falar.

A vontade de arriscar revigora minha alma. Me faz ter apreço ao desconhecido.

Me faz ser, do futuro, um amigo e do presente, um questionador.

Crio coragem! É o risco que me motiva a viver.

É bom viver imerso na minha rotina, mas estar ciente que ela pode ser mudada pela possibilidade de uma oportunidade.

Quero arriscar o que é insano, patológico, amoral.

Quero arriscar em tudo o que é humano e experimentar todos os riscos.

Quero ir além. Quero arriscar até o que já não mais se arrisca.

E provar para mim que a vida não teria qualquer graça se eu não tivesse certeza que, em sua metamorfose constante, ela dependesse exclusivamente das minhas escolhas.

Francisco Coelho, 2009.

MINHA TRISTEZA

A minha tristeza não vem da sua ausência
Ela vem da prova da insignificância
Diante dos curtos e mágicos momentos
Banhados em sorrisos e afetos,
Que um dia você ousou me proporcionar.

A minha tristeza não vem da sua ausência
Ela nasceu da esperança
De relembrar minha infância
Quando azuladas bolas de gude
Eu tinha zelo em colecionar.

A minha tristeza não vem da sua ausência
Ela é resultado da fraqueza,
Vem da futilidade, da demência
Onde me vi mais amando um estranho
Do que minha vida eu quis preservar.

A minha tristeza não vem da sua ausência
Ela vem do tempestuoso sonho indevido
De ser teu amante, teu irmão, teu amigo
Sublime desejo equivocado
De não ser grudento, mas poder te acompanhar

A minha tristeza não vem da sua ausência,
Vem, mais uma vez, do conhecimento
Do tenebroso e fugaz lamento
Que um breve e louco amor profano
Será favorável, sempre, a nos causar.

Francisco Coelho, 2009.

PAI DAS ANGÚSTIAS

O desconforto da incompatibilidade surgira bem cedo
A apatia foi severa em toda nossa existência
Por que um filho deveria ser mais maduro que seu pai?
Superar nossas desavenças foi um longo exercício de paciência.

Quando criança, aspirava a família feliz dos contos de fada
Onde a paz e o respeito fossem os sólidos e principais valores
Não pense que não conseguir amá-lo foi de exuberante facilidade
A felicidade é metódica para quem colhe tristezas e dores.

O álcool circulava em seu sangue
E dinamitava toda a paz conquistada em meu coração
Não sabia o que fazer. Eu era apenas criança!
Era tudo aquilo verdade ou uma angustiante ilusão?

Creio que sua alma não tenha sido a culpada
Entendo que sua trágica infância foi regada pela injustiça familiar.
Sua grossura, ignorância e desvalorização à minha figura materna
Me fizeram desacreditar na possibilidade da harmonia em nosso lar.

Sorte minha em meio a tantas desavenças
Encontrar um anjo que me serviu de apoio para ficar de pé
Me orientava a todo o momento sobre como lidar contigo
Plantava em mim a esperança enquanto eu parecia perder a fé

Difícil apagar todas as históricas frustrações
Elas podem ser perdoadas, mas permanecem na lembrança
Muitas vezes rogava em prece que você, definitivamente, partisse
Agradeço a sapiência divina por não alimentar a ingenuidade de uma criança.

Eu pensava que você não se lembrasse das coisas erradas
Nunca dá o braço a torcer, mas seu olhar reconhece cada erro cometido

Eu, em minha insignificância, não entendia o seu recado
Inadequadamente seu desejo era ter-me como um grande e fiel amigo.

Em vidas passadas certamente nossa amizade não foi selada
A distância temporal não me permite claramente lembrar
Talvez tenhamos nos ferido e sem chances de reconciliação
Mas tivemos nossa oportunidade para nossos laços de amor ajustar.

Mesmo não parecendo, em muitas decisões me debrucei em sua maestria
No fundo você não era aquele monstro do qual buscava isolamento
Aprendi a ter virtudes ao ver que a felicidade vem de nossas escolhas
E que tudo na vida passa: do ruim ao melhor momento.

Da singela finitude carrego coisas boas, outras sem importância
Que a alma é eterna enquanto o corpo um dia se vai
Das lições mais difíceis, parto desta vida com pleno orgulho
Da superação da vida sofrida, onde, imerso em tolerância, lhe chamo de pai.

Francisco Coelho, 01/12/2009.

SAUDADES DE UM FALSO AMOR

Louca e profana insanidade

Erotismo sublime, em verdade

Sentimentos de tristeza e felicidade

que compartilham a mesma taça de vinho a cada noite antes de dormir.

Sinto saudade do que não é meu

Do que nunca partiu, nem se perdeu

Do que nunca foi palpável, tampouco viveu

De um sentimento confuso, que sequer teve apogeu.

Sinto falta do seu toque,

Das mãos que me acariciam e me deixam entorpe

Da sua fala mansa à beira do meu ouvido

Que converte em prazer qualquer que seja o ruído

Saudade de ouvir seu pedido cafajeste

De ficar comigo enquanto não amanhece

Sua forma de pedir me seduz plenamente:

Me deixa patético, porém contente.

Me confronta sem qualquer moral

Num paradoxo perfeito e infernal.

Quero você mais próximo a mim

Mesmo sabendo que o meu desejo é utopia

E que o planejo em minhas ilusões

Seus lábios são esperados sem demora

Seus carinhos, por mim, os teriam agora

Mas vivo à mercê do que me resta das ofertas promocionais.

Saudades de um falso amor, de um amor ilusório

Saudades de um personagem comum, papel simplório

Saudades de um ator que desconheço, que saia de trás das cortinas

e encene comigo uma grande cena,

Cena romântica, sem ser pequena

Que dramatize saudades de um amor verdadeiro

E não saudades de um falso amor.

Francisco Coelho, 2009.

ANGÚSTIAS DE DOMINGO

Acordei hoje bem cedo.

O cansaço se despedia e eu mergulhava num dia de pé de cachimbo

Abri a janela de meu quarto e observei a vida das pessoas.

Quanta diferença!

O domingo, entretanto, é tão igual.

Vi crianças brincando, outras se estapeando.

Adultos discutindo e se abraçando,

Brindando suas sinucas e cervejas nas mesas dos bares.

O que se faz no primeiro dia da semana?

Se dorme, se come, se usa a comunicação virtual das curtas ou largas bandas.

Eu já não sei o que fazer em meus dias de domingo.

Temperei com ervas latinas e asiáticas, mas me parece ainda tão insosso.

Tento recorrer aos amigos na busca da cura da nostalgia.

Amigos são refúgios sempre, mais ainda nesses dias.

Se abre o sol, vou à praia.

Se o sol se envergonha de seus raios, tiro uma soneca que dura a tarde quase inteira.

O domingo é calcificado. Antecede a segunda-feira.

Quem gosta dos dias de segunda?

Ela me parece tão vagabunda.

Faz com que todos a detestem para ninguém querer trabalhar.

Segunda é o início de tudo, ainda que se recomece a semana em seu segundo dia

Em poder de preferência e, sem hexitação, que às terças se brindassem o início.

O primeiro dia seria, inesquecivelmente, tão sedutor quanto o último

E, partiriam, definitivamente, minhas angústias de domingo.

Francisco Coelho, 13/12/2009

MEU TERNO AMOR

Há tempos sonho em encontrar um amor

Amor para a vida inteira

Solidez, segurança,

Nada de brisa passageira

Eu quero um amor que seja bom pra mim

Que faça o meu coração bater

Que tenha a avidez e a resistência do marfim

Sim, que me endemonie, mas me faça serafim.

Eu cerro meus olhos e aspiro encontrá-lo

Busca insana de um amor ortodoxo

Que seja igual e diferente de mim

Consagrado em meu pleno paradoxo

Quando os momentos de fúria me enebriam

A depressão derrama suas lágrimas, em pleito

E a vontade de buscá-lo

Parece, sequer, ter existido em meu peito.

Mas logo, de longe, uma luz vem ao meu encontro

Luz singela, que logo volta a brilhar

Retornando com a esperança

Que um dia, pareceu, se isolar.

Nesse momento a minha mente renasce

Sinto a força de um amor carinhoso

Da simplicidade à plenitude

Paixão, suor , gozo.

Cabelos castanhos, loiros, ruivos

Sua fisionomia é pobre em transparência

Creio no beijo suave e saudoso toque

Nunca o vi, mas acredito em sua existência.

Projeções de cura profunda

Seus abraços me causam analgesia

Esfarelam minhas angústias

Convertem realidade em magia.

Nas grandes estórias de amor

Seja nos castelos ou no subúrbio

Mesmo desconhecendo sua silhueta

É em você que encontro refúgio.

E onde quer que eu esteja

Banhado por alegrias, tristeza ou dor

É sempre você que me conforta:

Meu sublime e terno amor.

Francisco Coelho, 14/10/2009.

CONFIANÇA

Há silenciosos anos te espero.

Vivo a romper vaidades, recuso possibilidades.

Durmo mal e parcamente, com receio de, abruptamente, você surgir.

Você pode chegar e eu não ser o seu anfitrião.

Acordo, corro para a janela.

Me debruço nela, com o peso da decepção em meus cotovelos

Com olhos embaçados procuro você por toda a paisagem

As noites repousam, os dias nascem

De você, apenas uma lembrança:

memórias insanas e inesgotáveis descritoras de

uma utopia vil

Desejos pedalam numa infinita

ciclovia.

Sofro pela ausência de uma incógnita

Não morro, não me suicido, ainda respiro.

Me mantenho forte, sapiente de meus limites

na lida, mas confiante de te encontrar um dia.

Francisco Coelho, 14/04/2010.

PARTICULAR FRAGILIDADE

Você pode me lanhar com uma rosa espinhenta

Me dar murros e pontapés com toda sua razão

Me fazer sorrir fraturando minhas costelas

Mas, me ferir com uma simples preposição.

Não insista para que eu me apaixone rapidamente

Também não me trate como quem tanto fez, tanto faz

Não me escreva cartas de amor se eu não o fizer primeiro

Posso fugir de você numa atitude extremamente fugaz

Seu corpo pode me levar à loucura

A inteligência, entretanto, é o afrodisíaco da minha alma

O rigor me distancia do mundo

Um sutil sorriso à escandalosas batidas de palmas.

Me deixe cá em meus tolos planos

Para hoje e para a vil eternidade

Não me faça o desastroso convite:

Se baseie na atualidade!

Não! Não vá abusar da sorte!

Evite críticas estupidas de momentos

Para que eu não colha o célebre azar

De me intoxicar com seus julgamentos.

Não busque me conhecer por inteiro

Talvez você não consiga compreender

Quando a depressão, em mim, se despede

A alegria surge com uma taça de prazer.

Caso, algum dia, o arrependimento bata

Lembre-se que você me teve por sua vontade

Agradeça a Deus por ter conhecido um paradoxo

E a fragilidade de um homem de verdade.

Francisco Coelho, 2010.

SENTIMENTO INDEVIDO

As noites eram simplesmente noites
Os dias não passavam de uma repetição abundante
Quando menos se espera um golpe nos atinge o coração
E um simples olhar faceiro nos transforma a vida, num instante.

Mágica foi o que senti ao vê-lo à distância
Força magnética de tamanha intensidade que conturbou toda minha visão
Pernas bambas e mãos frias, certeza absoluta
De uma pontual flechada no centro do coração.

Cupido de estúpida atitude descontrolada
Me criou problemas com uma paixão sem qualquer planejamento
Borboletas no estômago, um bem-estar exótico e sublime
Metamorfose num coração que antes vivia ao relento.

Mas na profana vida a perfeição é praticamente inexistente
Os olhos mais encantadores que conheci já foram, por alguém, mirados
E aqueles rosados lábios que eu desejava que só fossem meus
Infelizmente, naquele momento, eram particularmente tocados.

Me questiono com todas os possíveis receios
Do porquê de uma flechada indevida, ausente de um pingo de sapiência
Talvez para que eu revele à paixão que eu seja, para ela, o melhor dos caminhos
Ou mesmo para que eu sofra, inevitavelmente, por um amor sem correspondência.

Francisco Coelho, 19/06/2010

SONHO IMPOSSÍVEL

A ansiedade me orientava a cada passo.
Talvez soubesse que o destino me aprontaria mais uma de suas brincadeiras.
Dentre tantas piadas e risos distantes por um oceano de desejos,
Descobri você: a melhor e a pior de todas as minhas besteiras.

Como num passe de mágica toda a angústia se tornara alegria
Estar ao seu lado me causa um majestoso prazer sem explicação.
As lágrimas comprovam, em meio a paradoxos, o prazer que sinto com sua presença
Mas também revelam, ingênuas, a dor que sinto em meu coração.

Unicamente meu foi o erro de esperar de você o que nunca foi prometido.
Quem sabe por outro lado eu não seja vítima dessa tola e cruel verdade:
Que nem todas as vaidades podemos exigir da vida
Ou mesmo que poucas coisas nos dão tamanha felicidade.

A realidade é que tudo o que sinto deverá ficar guardado.
A diferença afetiva e cultural justifica a nossa plena impossibilidade
Mas, em demasia, o que sinto é tão terno e singelo
que sofrerei por amor para nutrir devido a nossa fiel amizade.

Francisco Coelho, Paris, 05/01/11

MEU DISTANTE DESEJO

A noite mais tenebrosa, enfim, se acomoda.

O frio cobre meu corpo dos pés à cabeça e eu, em meus espasmos, busco me aquecer com as lembranças inconscientes de teus ardentes toques.

O calor incinera os sonhos e me convida para você.

Acordo. Olho para as alvas paredes do meu quarto e dou falta do teu corpo ao lado do meu.

Nesse instante a possibilidade de não mais te ver me consome e a saudade aperta tal qual o desejo de te possuir inteiramente.

Te quero como nunca tive!

Te quero da forma mais branda, e, ao mesmo tempo, mais furiosa.

Quero sentir-me em teus braços e ser possuidor do teu corpo.

Desejo banhar-me em teu suor e sentir minha mão vadia e santa escorregar sobre tuas pernas e tórax executando os mais obscenos movimentos. E que assim também seja em mim.

Que sensação é essa que me aflige? Um consumo desumano de toda minha paz num conflito sinestésico de emoções.

Venha cá agora! Não me deixe esperar!

Tua boca, tua pele, teu pescoço: essas são minhas partes.

Quero você de forma carnívora e voraz.

Eu o quero exatamente agora e sem qualquer pudor ou manifestação de bom caráter, da forma mais imediata, em pecado, em orgia, em devassidão.

Quero destruir teu corpo e reconstituí-lo do meu jeito, com a minha forma de amar, amparados em meu egoísmo e minha piedade.

Hoje quero ser teu rei, teu mago, teu sacerdote e teu ídolo para que me obedeça e me permita, sem questionamentos, destruir e renovar teu corpo, com a minha carne, meu sangue e minha alma.

E diante disso, sem forças para caminhar, me exaurir prazerosamente por esgotar toda forma de energia que em mim há.

Francisco Coelho, 07/04/13.

GLADIADOR POR UM NOBRE SENTIMENTO

Há tempos a esperança se recolhia em cochilo pleno,

Triste, rebelde, desanimada e nada faceira

Nos campos onde nem homens mais se atreviam a caminhar

Descrentes que o mais nobre dos sentimentos seria uma inútil e trágica besteira.

Surge então um nobre gladiador da cidade que dizem maravilhosa

Mãos vazias, sem escudo e lança, ausente de qualquer equino pomposo que o tenha trazido

Um simples sorriso de paz e um porte de elegância exuberante

Francamente, não me recordo que, em qualquer homem, já tenha visto traço parecido.

Dúvidas cruéis que me perseguem, me enlaçam,

Mas por que de tanta repulsa quando o nobre sentimento à minha porta clama?

Elas apenas ferem, magoam, pisoteiam, enganam.

Medo de amar? Sofrer? Do gladiador perfurar com lança um coração bacana?

Quão encantador não seria aquele que me olha com inesgotável ternura

Que me fita com afeto e paixão à cada passo que descreve um trajeto meu

Por que duvidar de um amor tão sincero e ingênuo debaixo da fortaleza de uma armadura romana?

Que gentilmente demanda por duradoura estada e, que sequer começou e teve apogeu?

Nem com a firmeza do olhar do guerreiro o ser amado está em paz.

Veja, dúvida masoquista! Não percebe a lesão que gera nesse coração fraturado?

Tenha piedade, humilde compaixão

Não percebe que tal pobre já teve seu nobre sentimento dilacerado?

Se viverei feliz por toda eternidade? Será que isso realmente me importa saber?

Talvez prefira a firmeza de um olhar amoroso e apaixonado sem qualquer aspereza

Capaz, magicamente, de despertar a bela e adormecida esperança

Nutrindo meu coração e alma com o ânimo contagiante e toda sua certeza.

Serei a ti, guerreiro, eternamente grato e admirado por tal fato:

De romper as cercas farpadas que limitam os campos habitáveis da zona do temor

Por libertar em mim, apaixonadamente as algemas gladiadoras

Que, após despertar a esperança, me faça, com plenitude, conhecer e reconhecer o amor.

Francisco Coelho, 08/03/2014.

DAS POUCAS DE MEU TEMPO

Das poucas de meu tempo,

Sou a única que ousou permanecer em corpo profano.

Uma sobra de amor, afeto, maledicência e perversão.

Desamor e desalento num enclausurado coração.

Das vadias de meu tempo,

Fui a única, com sorte, restante.

Moderada e atrevida , embora pacata,

Me dei a todos por um belo diamante.

Recusei provas de amor,

As lancei ao vento pelo receio à prisão.

Não dessas que nos prendem o corpo,

Mas as que encorajam e acorrentam o coração.

Do meu tempo, não houve quem não estivesse em minhas mãos,

Palmas, dedos e lábios com poder de prazer e cura.

Os olhares, os toques, os beijos, e até mesmo a violação de regras,

Sem censura, sem mágoas, levando quem se dispunha, à loucura.

Dos mais fiéis às esposas,

Era eu, sem pudor, a nobre preferida.

Dava amor, carinho, afagos

Mas, em seus lares, ao soar noturno, eram parcialmente esquecidas.

Fui pecaminosa, suja, ingrata, confesso.

Por mim se apaixonaram os infelizes

Mas, por que eu, de tantas outras?

Por que unicidade entre as mais belas meretrizes?

Muitos , grosseiramente, pedi que partissem,

Batendo a porta em suas faces, sem qualquer gesto de igualdade.

E quando mirava, da janela, suas partidas, nos becos escuros
Em poucos segundos, inebriada, a entreabria por piedade.

Mas, de fato, quem era eu?
Qual era minha verdadeira insólita missão?
Uma alma pecadora que os preparava para o inferno?
Uma eterna falsa virgem que os revelava o poder da paixão?

Das vadias de meu tempo,
Fui heroína e a mais célebre princesa.
Dos vagabundos, dos senhores e das autoridades
Me pus na cama, no solo, à mesa.

Tempo, tempo meu! Como vadia eu era, em sã consciência!
Muitas memórias nutrem minha trajetória mundana
Os escutava, os acariciava, trazia à mim, os sentia
Das perdidas, a peste mais solidária e inevitavelmente humana.

O tempo se passou, a arquitetura já não é mais conhecida
Estranhamente ninguém mais bateu, em desespero, à minha porta
Todos os meus jovens e audaciosos clientes, lamentosos, esvaíram-se
Ao último suspiro da famigerada vadia morta.

Francisco Coelho, 26/09/2015.

DELICADA COMPLETUDE

Quem é você? Me pergunto.

O que, em você, me aguça a tímida e nobre confiança?

Que solidez e segurança são tais que sustentam minha alma

E me trazem a esperança para seguir um novo caminho?

Estar ao seu lado me inebria, me instaura a paz.

Sua pele e perfume são ansiolíticos para o meu corpo

Me relaxam, me apaziguam, deprimem os maus sentimentos

Revalidam, subitamente, o antigo sonho de não mais seguir só.

Quem é você? Novamente me questiono.

Por que se trouxe a mim, mudando sutis e resistentes formas de pensar e agir?

Que sentimento é esse que me faz novo, resistente, e, ao mesmo tempo, mais independente de mim mesmo?

É como ser elevado ao topo em segundos e agarrar-se à certeza dessa posição

Para o presente e para um futuro que, ingenuamente, confesso não conhecer.

É o seu corpo que me satisfaz!

Me faz mais homem, mais másculo, essencialmente mais humano.

Fomenta a mim um banquete de prazer, de serenidade, de inteligência

Temperados ao sabor de uma ternura que igual, jamais degustei.

Ao olhar para o pretérito que me enclausurei

Inevitavelmente percebo o quanto o destino para mim sorriu

E, em meio a crença em pseudogarantias, paradoxos e inquietações

Enfim, emerge a delicada e nobre completude do meu ser.

Francisco Coelho, 21/07/2016.

ETERNA CHEGADA

Há tempos buscava a parte de mim que nunca havia encontrado

Cogitava seu existir, mas sequer , deduzia sua presença

Eis que você surge, como num conto hollywoodiano

Trazendo para mim a alegria e reavivando receios de forma veloz e intensa.

Esqueço-me da seriedade e formal postura do primeiro olhar

Do príncipe alemão cuja pele se cora ao simples amanhecer

Coloco-me à disposição das suas promessas, de seus nobres cuidados

E me delicio com a simples ideia de passar contigo a cada entardecer.

Grande homem, Largos ombros, Corpo colorido

Sua negra pupila ao me mirar, se perde na constante dilatação

Seu verde olhar me encanta cada vez que transfere a luz do sol à minha face

Da pele alva à rubra pelo simples movimento do coração.

Se tão perto e desejosos um do outro estávamos

Por que, meu Nobre príncipe, tardou tanto à me encontrar?

Você, nos céus. Eu, nos continentes.

Coube um empurrão do destino para a felicidade, então, à mim se lançar.

De fato, pouco importa o tempo de sua chegada.

Tampouco me aborrece não ter sido o primeiro a te levar ao altar.

Porque me alimento da certeza e da ternura de meu sentimento

De que a cada alvorada seja você o primeiro a me abraçar.

Francisco Coelho, 14/01/2017.

AUTOPERCEPÇÃO

O despertador me perturba, exaltado.

Olho para o lado, para os armários,

E abraço o travesseiro, sutilmente alienado.

Levantar, para mim, é um fardo.

Me sinto a parede que recebe um dardo.

Me incomodam os sorrisos e os toques.

Lerdo, preguiçoso, ainda de rosto amassado.

Toco os lençóis e os apalpo. Faço uma ligeira inspeção.

Anseio, com entusiasmo, uma nobre intenção:

Uma bengala geriátrica ou uma simples motivação?

Em verdade não tenho respostas.

Me sufoco entre o sim e o não.

Abro as janelas e sinto a brisa iluminada

Que toca minha pele e penetra em cada pulmão.

Em instantes, reflito cauteloso:

Sinto meus braços, minha pele, meu coração.

Consagro a minha existência e me admiro.

Penso nas lutas travadas, nas conquistas em vão.

Reconheço a saúde que tenho.

E deixo, por mais um tempo, o Sol me aquecer.

Meu café matinal é um menu de memórias.

Aquelas que ousaram não desaparecer.

Diariamente, ressurjo do vazio.

E, francamente, não o vejo como novidade.

A espécie humana cotidianamente sucumbe.

E eu, me alieno com ela, na minha infâmia e plena vaidade.

Mas, antes da chegada do sorriso,

Apresento para mim mesmo uma finda percepção:

Que a sublime dor é inevitável,

mas o sofrimento é uma infeliz opção.

Francisco Coelho, 7 de setembro de 2019.

MOMENTOS

O universo conspira. Algo inevitável e sempre será.

Mas o quanto nós conspiramos? Uma questão a se pensar.

Por vezes nos queixamos da vida, sem , sequer o entorno, averiguar.

Amedrontados, ou fugimos ou reclamamos, asfixiando a esperança que acabou de chegar.

Quando a tristeza nos desperta, nem sempre a recusa é o melhor remédio.

Lamentamos a ausência de alegria, mas depreciamos a melancolia e o tédio.

Será a alegria mais nobre que a tristeza? Ou nossa fraqueza justifica quem se enclausura num quarto de um prédio?

De todas as pseudoverdades, uma cabe salientar:

Seja regada com alegria ou tristeza, nada caminha se você não desejar.

Os Deuses podem até almejar destinos, mas o trajeto você deve trilhar.

Se o descontentamento em sua porta bater, lembre-se de manter a serenidade.

Não se apoie nos lamentos. Se alimente da vitalidade.

Sinta o privilégio de estar vivo e ignore o poder da mediocridade.

Se tiver dificuldades para caminhar,

Se alinhe à um coração parceiro.

Escolha aquele que te faz sorrir, que seja maroto, faceiro.

Não interprete o amor como a solução para a felicidade.

Ele também é humano, sente dor, tem vaidade.

Trocando em miúdos, a vida é perene: ora um bom, ora um mau momento.

Ela oscila ininterruptamente, feito uma corrente de vento.

Se prestigie. Se enalteça. Abdique dos lamentos.

Mastigue o fruto amargo, mas cultive bons sentimentos.

Francisco Coelho, 01/11/2019.

CREPÚSCULO DE INVERNO

Minhas pernas estão cansadas.

Os ossos se agridem e sinalizam o necessário repouso.

Oscilo entre a celeridade de chegar ao meu destino

Ou a contemplação do esplêndido céu róseo-alaranjado.

As nuvens, em repúdio a tamanha beleza, intencionam ocultar o majestoso espetáculo de cores para que eu não o acolha em minhas memórias.

E por que não os acolheria se os pernaltas e as aves mergulhadoras ficam perplexas diante tamanha suntuosidade?

Escolha tardia. Tentativa inútil.

Os vapores, incolores e inodoros, sucumbem.

São incapazes de esconder a generosidade do mais ancião fenômeno cromático visto da Terra.

É impossível oculta-ló. É improvável não vê-lo. É lamentoso não senti-lo.

Ainda que uma leve brisa se articule para arrancar de mim o pouco calor restante,

o Deus Sol é incisivo.

É pontual, é generoso, é acolhedor.

Me ilumina, avermelhadamente, como se minha pele fosse uma tela de cinema.

E vejo refletido em mim uma história infinita de crepúsculos que marcaram momentos de minha existência.

Curioso notar que hoje, ele não se assemelha a nada jamais visto.

Possuí um avermelhado incomum.

Lembra o morango mais doce e a pimenta mais ardente.

E é esse o sabor que sinto em meus olhos, umedecidos pelas lágrimas das fraternas lembranças de minha vida.

Me sinto grandioso. Me sinto pleno.

E a plenitude me isola. Me torna parte da paisagem. Tal beleza me imobiliza.

As aves eufóricas, em cortes de acasalamento, sequer notam minha presença.

Talvez nem mesmo o imponente Sol tenha me notado.

Talvez não tenha se dado conta de seu mágico poder, que esfarela o desejo de partir e eleva em mim o desejo de admirar.

Francisco Coelho, 26 de junho de 2020.

ME PLANTO EM VOCÊ

Sempre me diziam que das coisas da vida, uma não poderia esquecer

Plantar uma muda com sementes de esperança

E ver com um tempo, uma copa florescer.

No início imaginava apenas uma planta

Até que, banhado em serenidade, acabei por conhecer você.

E o que era um desejo bem pacato, bem tranquilo

Brotou no meu peito. E um jardim, em minha ansiedade criativa, resolvi ter.

E desse jardim você era a planta mais frondosa

Mais frágil, embora simples, a ponto do meu perfeccionismo recusar crer.

Com folhas bem largas e uma raiz bem forte

Trazia a sombra fresca que refrigerava a alma, algo que jamais cogitei ter.

Quando dei conta, você reinava faceira

A mais intrigante, das mudas que vieram

Acolhia em sua copa, com generosidade

Outras plantas mais frágeis, sem julgar o que elas eram.

Os anos passaram e o jardim, perene, secou

De tantas lembranças, eu nem sei dizer o quê

Não vejo mais folhas, nem o brilho dos seus frutos.

Mas dessa saudade, eu me planto em você.

Você foi minha semente, minha muda, meu jardim.

Mas a vida se renova e novos sonhos brotam.

Por meio de você, assim enxergo. E, com ternura, levo tal prova em mim.

Francisco Coelho, 01 de Janeiro de 2020.

O PEDINTE

Eu peço, tu pedes, a sociedade vulnerável clama.

Trata-se de um jogo comum: o da sobrevivência.

Piedade, caridade, egoísmo, fraternidade.

Sentimentos que convergem e se anulam.

Vence aquele que convence, que traduz o que sente ou se revela um dramático personagem.

Ele me observa, sem qualquer ruído.

Apenas seus olhos saltam.

E, com eles, fita o frango de padaria que acabei de comprar.

Ele deseja o meu frango. Sente o cheiro. Ele saliva, da mesma forma que eu.

Contudo, eu tenho o frango. Ele não!

Ele, intenciona tê-lo, ainda que um pedaço.

Pela sua cabeça passa a ideia de surrupiar o frango de mim.

Reconhece, sabiamente, que a ideia lhe oferece riscos.

Entre a sobrevivência e a carência, prefere não ter problemas.

A ideia sucumbe.

À luz da piedade, segundamente ousa implorar.

Implora, conturbado, por não compreender

Porquê de não ser capaz de conseguir sua comida.

Será que, de fato, não possui forças para caminhar?

Ou será que se acomodou e, exaurido, esqueceu de sua existência?

Talvez nem ele saiba.

Como nada funciona, ele apela.

Usa seus sentidos. Se engana conscientemente.

Ele não toca no que é meu, mas se alimenta dele.

Sente o seu cheiro, o seu perfume.

Ele saliva. Sente o gosto do meu frango na sua boca. Constrói seu efeito psicoativo e se alimenta dele.

Será que aquele - que pede - sente sua vida?

É impossível não se sentir vivo com fome.

Sim, ele sente!

Seu estômago ronca, seus dentes se apertam uns contra os outros.

Esses movimentos tentam esconder a raiva de si ou daquele que pode se alimentar.

Eu compro, tu pedes, todos sentem fome.

Compartilhamos a mesma sensação.

Contudo, no limiar das contradições, não há sombras de dúvida que eu venci. Ao chegar em casa, reconheço o meu prêmio.

E, no auge do reconhecimento da vitória, entendo que o pedinte nada levou.

Me envergonho. Pego a metade do frango e o embalo.

Desço as escadas e retorno à padaria para devolver parte dele para aquele que salivou comigo a cada instante.

Olho para os lados. Não vejo ninguém.

Como uma pessoa faminta poderia ter desaparecido em segundos?

Decisão tardia. O tempo não espera.

Quem tem fome, tem pressa.

Talvez aquele olhar esbugalhado tenha me julgado medíocre demais para dividir com ele um ínfimo pedaço de frango.

Francisco Coelho, 02 de julho de 2020.

O ÚLTIMO INCÔMODO

Sinto que me tocam.

Abro meus olhos ainda embaçados.

Não registro qualquer imagem.

Alguns segundos se passam, volto a cerrar meus olhos.

Na busca da continuidade do sono, algo volta a me tocar.

Não sei o que, nem onde está.

Embora sejam sutis, os toques me incomodam.

Não há ruídos. Não há odores.

Há, entretanto, presença.

Algo existe e meu tato o reconhece.

Ele o percebe pelo toque, que me acorda e me desconforta.

Mas que presença é essa?

Indagação cruel, embora desnecessária, que aplaca em mim a curiosidade:

Quem é ela?

Ela toca levemente minha mão, meus braços.

Com extrema rapidez, a presença toca o peito do meu pé.

Acaricia minha orelha esquerda, passa majestosamente para a direita.

Atinge meu queixo e chega a tocar meus lábios.

E nesse percurso, traz na leveza de seu toque, cócegas que me angustiam.

Por que tanta bajulação se, eu nem a conheço?

Ela insiste. Não se dá por vencida.

Continua a me acariciar como se eu não tivesse escolha.

A decisão é unilateral. Apenas ela decide.

E essa obsessão me intriga, me descontenta.

Por que comigo?

De tantos corpos, por que o meu fora escolhido?

Toda sua euforia me faz ser violento comigo mesmo.

Estapeio meus braços, minhas pernas.

Busco tentativas de livrá-la de mim.

Mas tudo parece em vão.

Sinto que ela me domina. Não posso permitir isso!

Na busca de demonstrar minha valentia,

Penso que a morte seja o caminho mais viável.

Preciso parar essa presença e traçar meu livre arbítrio.

Tomo uma decisão: acabar de uma vez com todo esse incômodo.

Levanto, esgotado de uma noite mal dormida e dou os primeiros passos para acabar com essa situação.

Múltiplas ideias passam pela minha cabeça.

Penso no envenenamento, no aprisionamento e, como caminho certeiro, em atacá-la com um só golpe.

Sim. Talvez seja essa a morte menos dolorosa.

Invisto nessa possibilidade.

Em silêncio, aproveito suas últimas carícias sobre minha pele.

Sinto, com detalhes, seus toques suaves e silenciosos.

Vivencio as angústias finais de irritantes cócegas indesejadas.

Há de convir: nunca houve amor. Apenas uma obsessão.

Em um só golpe, respondo com toda minha raiva.

É certeiro, é indolor, é mortal.

Ela cai. Pouco se move.

Em espasmos, percebo a vida partindo aos poucos.

E me dou conta do alívio que sinto.

Enfim, sem qualquer arrependimento, acabo com mais uma mosca irritante.

Francisco Coelho, 27 de junho de 2020.

OBSERVAÇÃO CASUAL

Olhos as pessoas, tento desvendá-las.

Dentre elas, surge você na multidão.

As luzes do holofote são para você.

Caminhas majestosamente.

Você não faz como as outras. Seu andar é diferente.

Não apresenta a mesma indumentária. Você chama atenção, revoluciona.

Não interage com os transeuntes.

Você caminha, vaga e eu daqui te observo.

Sua majestade aos poucos é diminuída.

Você se acanha e encontra um canto para sentar.

Encolhida, no chão, parece frágil.

O desejo de desvendá-la permanece.

Acanhada, vejo você passar as mãos nos joelhos, nos cabelos.

Você mira o chão letargicamente como se esperasse uma oportunidade.

Ela nunca chega, mas pela sua ansiedade, você a cobiça.

Enaltecida, você olha para os lados, para o chão, para o céu

Sequer percebe que daqui te observo:

Plena, majestosa, aflita.

Contudo, se sente enclausurada em um casulo.

Pobre mulher! Carente, ausente de amor.

Ausente de um abraço, de uma presença.

Quem te falta? O que te aflige?

Com mais detalhes percebo que toca seus olhos

enxugando as lágrimas que deles rolam.

Você apalpa o seu rosto delicadamente e especulações emergem em minha mente.

Confesso que não te decifro, mas sinto que sofre.

Há uma dor. Talvez muitas.

Mas por que sucumbe a tal?

Quem é você e de onde vem?

Que majestade é essa que a faz sofrer calada confortada pela solidão?

O tempo passa e você, imóvel.

Sua dor me entristece e, ao mesmo tempo, me intriga.

Você se entrega à frustração, se afoga em lágrimas e, de repente, levanta.

Levanta rapidamente e ajeita os cabelos.

Enxuga o rosto, passa o batom.

Disposta, lhe resta ainda alguns segundos para uma traição.

Você encontra em si o valor que havia momentaneamente esquecido.

Mulher, mulher. Vigorosa!

Eu daqui de cima, te percebo.

Você é forte, sensível e fugaz.

Marcou na esquina com a tristeza, deu bolo nela. Ousada, você a tornou descartável.

A substituiu pela autoestima e a deixou esperar sem qualquer aviso ou previsão de um novo encontro.

Francisco Coelho, 28 de julho de 2020.

A SUPREMACIA DO TRABALHO

O emprego oferece dignidade ao homem
Mas, se escravizar por quê?
Uma coisa é o sustento.
Outra é se frustrar para enriquecer.

E desde quando classe média enriquece?
Essa é uma pontual indagação
Metade do trabalho paga os impostos.
Outra parte dá de comer ao leão.

Pode parecer contraditório
Mas sempre surge uma exceção.
Há os que se amparam no povo
E fazem do parlamento o ganha pão.

Outra condição curiosa:
O amigo do parlamentar.
Esse sequer foi votado
E assina o ponto sem trabalhar.

Mas nisso há uma lógica interna
que demanda de muita atenção:
Se o dinheiro do povo é para o povo
Meu *Black label* não é opção!

Que whisky que nada!
Brasileiro gosta é da cerveja gelada
Mas se a ressaca bate em dia útil
O atestado não cola: é cilada!

De fato, todo cuidado é pouco
O trabalho faz parte da lida

Quem trabalha demais, contudo, vira escravo
Sem direito ao lazer, perde a vida.

Trabalhe com dedicação e zelo
Reconheça, entretanto, a tênue lição:
Se trabalha enquanto se tem vida
Não sete palmos abaixo do chão.

Viaje, saboreie, trabalhe!
Se entregue a tudo com moderação
Não desconsidere que somos humanos
Se o corpo padece, o dinheiro é em vão.

Francisco Coelho. 29 de junho de 2020.

SACRO AMOR

Minha musa sucumbe.

Suas pálpebras sequer se movimentam.

Talvez sinta desejo de interagir com o mundo. Entretanto, pouco revela sua presença.

Fico na dúvida se ela sabe o quanto existe.

Aliás, será que ainda reconhece minha existência?

Será que sabe que nela penso com ternura e frequência embora, desnaturado, incorpore o mestre dos magos e me ausente da presencialidade do mundo?

Será que sabe o quanto a amo?

Será que entende o que foi para mim nos momentos em que eu, infantil e vulnerável, receava os monstros que escravizavam meus pensamentos?

Será que faz ideia da fortaleza que se tornara ao apaziguar a cólera juvenil oriunda das decepções alcoólicas paternas?

Sim, era astuta. Mas, acima de tudo protetora.

Era a mãe das mães, que aconselhava e, sendo preciso, mostrava seu dentes e garras na mais plena delicadeza para marcar seu território.

Nada para ferir, apenas assustar quem se atravesse a desdenhar jocosamente sobre suas crias.

Sua escolarização foi tímida. Suas mãos, entretanto, firmes.

Me estimulava a ousar e arriscar em ocasiões que não mais desejava seguir.

Me esbofeteava, me sacudia com suavidade.

Por vezes me ludibriava para que eu encontrasse em mim o combustível essencial para dar o primeiro passo: a esperança.

Foi singela. Foi nobre. Foi tenra.

Ainda vívida, não escapou dos seus próprios abutres.

Tinha dificuldade em espantá-los. Era demasiadamente gentil para isso.

Sabia que os animais eram famintos, mas fazia vista grossa com pena que eles perecessem.

Uma estranheza compreensível.

Bicaram suas pernas, seus braços.

Até que um dia perfuraram seu coração.

Ingênuos ou maléficos, eles precisavam se alimentar. Não sabiam como, nem onde. Estavam literalmente acomodados.

Sim, um comodismo de via dupla que atingiu sua caixa de emoções.

As vísceras foram intocadas, mas seu discernimento se desfarelou aos poucos.

Se a mim fosse oportunizado um pacto com o Universo, faria de mim mesmo o elo de sacrifício.

Sem dor, disporia a minha vida em troca de seu rejuvenescimento.

Gostaria de trazê-la de volta, de acordá-la.

Poder abrir seus olhos com tapinhas delicados. Inverter por um momento os pretéritos papéis e fazê-la ir, em meu lugar, para a escola.

Sim, partiria logo, em seguida. Assim são os sacrifícios.

Abstraindo a fantasia, convenhamos: os abutres continuariam com o farto banquete. Isso seria inevitável.

A redenção leva a tais caminhos.

De um lado, o sacro amor gratuito, esperançoso e curativo que nos permite compreender nossas limitações, tecer readaptações e oferecer nosso melhor.

Do outro, o amor carnificínico, que dá de comer aos abutres e nos encaminha ao suplício.

Francisco Coelho , 04 de abril de 2021.

DELICADA CHAMA

Ela surge, advém do atrito

Culmina do excesso, da robustez

Nasce da energia em abundância.

De fagulhas emerge o fogo.

E o fogo vira chama.

Uma chama com muitos cachos.

Ora alaranjada, ora avermelhada.

Ela arde e revela a majestosa beleza.

Se não a toco, não a sinto.

Se não a vejo, não a contemplo.

Se toco, o ardor me invade.

Se a vejo, aprecio um espetáculo de dança.

Ela vai de um canto ao outro, se espalha.

Parece que acaba de levantar, com as madeixas levemente embrumadas.

Ela persiste. Empurra de um lado, sacode do outro.

Ocupa cada espaço sem desistir.

Onde o ar existe ela permanece.

Os golpes de vento a levam à loucura.

Não tem medo de se extinguir.

É inanimada, é sedutora, é bailarina.

Sem perceber, uma tempestade se aproxima.

Ela, contudo, baila intermitentemente.

As gotas caem. Uma, duas, mil delas.

A dança é acalmada, os cachos diminuem.

Ela não tem ciência da finitude, tampouco da beleza que possui.

Numa luta incessante para manter-se de pé, de repente a chama se esvai.

E, em seus últimos suspiros, regada pela simplicidade e delicadeza, revela a verossímil realidade do fim.

Francisco Coelho, 7 de maio de 2021.

MEU TEMPO

Meu tempo é vaidoso
É nobre, é sorrateiro.
Meu tempo é singular
É exclusivo, é truqueiro.

Meu tempo é jocoso,
Detesta se olhar no espelho.
Quer julgar o tempo dos outros
Mas renega quando nele metem o bedelho.

É um tempo maroto,
Que faz só o que ele quer.
Chega atrasado no trabalho,
Contudo, pontual no encontro com a bela mulher.

Seria um tempo seletivo
que regula sua própria verdade?
Ou perverso, em essência,
Que se engana em sua insolente vaidade?

Meu tempo é um paradoxo,
Um dilema, uma contradição.
Ora passa moroso,
ora veloz como um tufão.

Imerso em pseudocertezas
Coloca sempre a indagação:
Se alienar no discurso da escassez ou priorizar, de fato, a obrigação?

O tempo que tenho é posse minha
E o conduzo na ordem de minha natureza
Aprendo, vagarosamente, a aproveitar oportunidades
E a evitar os excessos, para não sucumbir em tristeza.

Francisco Coelho, 11 de maio de 2021.

PAISAGEM

Olho para cima, fito o horizonte.

É tudo tão perto e, ao mesmo tempo tão distante.

O tom azulado do céu contrasta com a cor da esperança

O branco-acinzentado nas nuvens suprime minhas preocupações por alguns instantes.

Se me aprofundo na paisagem,

Vejo a beleza dos urubus que voam em bando.

Aves necrófagas, carnificínicas, credo!

Para alguns, criminosas e dispensáveis

Mas, no céu, planam e cortam o ar em fatias.

Percorrem a paisagem como uma onda no mar.

O desligamento do mundo me faz enxergar beleza onde se acomodava o descaso.

As brutas aves negras se tornam parte do cenário, o engrandecem.

Sem perceber, as nuvens se transformaram.

Se tornaram volumosas, tenras, como fragmentos de algodão doce desenhados na minha infância.

Embora fisicamente a distância me separe da paisagem,

Se integram no escopo da minha visão.

Tudo está no meu alcance, o que vejo faz parte de mim.

Passa a compor minha experiência, se tornam recordações do mundo, meu portfólio secreto.

E diante disso, percebo a magnífica sutileza da vida:

Que a criatividade é minha, mas pode ser alheia

Que a tristeza é serena, contudo vagueia

E como a paisagem que contemplo, a felicidade é um estado dinâmico, imaginativo, variante e eterno.

Francisco Coelho, 14 de maio de 2021.

ESTALAR DE DEDOS

Há décadas nasci.

Da infância, um salto para a tormenta.

Ontem tinha vinte, hoje quarenta

Você respira, se alimenta

E delicadamente, aos poucos, se reinventa.

Você pisca os olhos, o Sol nasce.

Tira um cisco deles e o luar invade o cenário

Abaixa para amarrar os cadarços, já é sexta-feira.

Dezembro chega e você sequer saiu do armário.

Seria a finitude eterna?

Ou viver parte da minha razão?

Alegria e tristeza se emaranham

E se confundem com a emblemática decepção.

Analiso o conjunto das mãos.

Ao tocá-las, clamo, em tom de piedade:

Que o polegar e o pai de todos me escutem

E se estalem com o fervor da brevidade .

Minha resistência indaga a geração tecnofílica

Alienada em consumir a cada instante, a cada momento

A presença é substituída pelos dados digitais

E a sensibilidade da menina dos olhos se esvai, como poeira ao vento.

Curiosamente, por vezes me sinto sozinho

Em uma sensação de isolamento profundo.

Busco estalar os dedos, como numa sagacidade mágica

Não para avançar no tempo, mas retornar ao meu pretérito mundo.

Francisco Coelho - 4 de julho de 2021.

MINHAS PSICOATIVIDADES

O brilho intenso declina suavemente

O que feria os olhos, é coberto pela cortina

A pupila, reticente, não se alastra como antes

A luz que incandescia, agora sequer chega à retina.

O Sol se despede e coloco café no coador

A água aquece aos poucos, borbulhando prontamente

Ela percola, bailando entre os grãos do pó

Seu cheiro se alastra, impreguina, alimenta a mente.

O odor do café circula pelo meu corpo

Força invasiva que revela uma memória escondida

Sem pestanejar, sinto o cheiro do bolo esfriando no quintal

O sopro cafeínico me oferta a lembrança materna esquecida.

Confesso que algo me incomoda:

As cores, o cheiro, por que tudo se entrelaça?

Lembro do sabor do bolo, do café, do pôr do Sol

E até dos bofetões que levava quando investia em pirraça.

Das cores ao odor do passado: um coletivo de memórias me alucina

Reais ou miragens, o prazer da sensação é presente

Psicoatividade natural que me extravasa em serotonina.

Se penso, logo existo? Se existo, logo penso?

O que seria razão e o onde estão as verdades?

Na dúvida, entre prazer e dor

Meu corpo se delicia com suas psicoatividades.

Francisco Coelho, 11 de julho de 2021.

MEU BERÇO

Ali dormi pela primeira vez.

Se fez quente, úmido, protegido do inverno

Por um período pequeno, não foi eterno

Que me acalentou enquanto eu formava cada parte de mim.

O espaço não era meu, foi conquistado

Abundante em silêncio, tímido, velado

Era folgado no início, depois apertado

Se expandia a cada espreguiçar dos frágeis ossos em construção.

Aquilo era tudo que eu tinha:

Um berço de amor e ternura

Oriundo da paixão, regada à bravura

De onde sequer cogitava partir.

Meu corpo expandia, esticava, sofria

O berço espaçoso para mim não mais cabia

Sem dar conta de mim, clamava em agonia:

que meu berço aumentasse ou dali pudesse sair.

Tudo na vida é passageiro, diz o dito popular

Foi assim com meu berço e com outros também será

Não recordo como entrei nele, mas da saída insisto em lembrar:

Um coletivo de mãos me tocavam, me puxando para lá e para cá.

E quando pensei ter saído impune diante de tantos chutes revoltosos

Noto a sagacidade do berço, me amarrando com uma espécie de cordão

Era um verdadeiro cabresto, me prendendo firme, com zelo

E nutrindo meu corpo em noites de dúvida e no aconchego da solidão.

O berço que foi meu em primeira instância

Anos depois foi deliberadamente ocupado

Usado por aquele que se diz fraterno

Que usufruiu do mesmo prazer que a mim foi dado.

Hoje, ao me aproximar do berço humano

Agradeço a ele pela nobre proteção

Por dar de comer àquele que teve fome

E dar de viver à criatura que um dia foi grão.

Francisco Coelho, 15 de julho de 2021.

PACATA FINITUDE

Em certa ocasião, me questionaram:
Por que tens medo da morte?
Quem disse - retruquei - que ela me assusta?
Não me angustia a finitude, mas sim a perda da sorte.

Há quem se torne um centenário.
Há os que sequer nascem, configurando uma aposta interrompida.
Para tantos, a vida é uma medalha de ouro
Para outros, a saga de uma experiência sofrida.

O fato é que somos seres frágeis
Carcaça biológica de enorme perecibilidade
A mente se esvai, o corpo se torna farelo
O que era pleno, já não tem vitalidade.

Passamos a vida inteira especulando
Em julgamentos medíocres: devo fazer isso ou aquilo?
Perto do fim, a preocupação passa a ser quantos suspiros restam
Ou se partimos com o espírito leve e tranquilo.

Embora lamente ocasiões, confesso que não me arrependo de nada
Explorei lugares, senti gostos e cheiros de um planeta rico em diversidade.
Não dá para fazer tanta coisa no curto tempo que temos.
Talvez pudesse ser mais humilde, mas, no todo, não fui refém da vaidade.

O cacto, na mesa da varanda, que antes estava seco
No compasso da minha lenta respiração, floresce com todo seu esplendor
Imerso em lembranças, faço um último pedido ao Universo:
Que o sopro da vida comigo parta, mas que eu não sinta o ônus de sua dor.

Francisco Coelho. 18 de julho de 2021.

CARDÁPIO DE PARADOXOS

Acordei, me espreguicei

A fome bateu, apertou minhas entranhas

A vaidade escapuliu, reneguei minhas manhas

Fui correndo para a sala e, como esperado, sem chances de barganha.

Se não existiam dois, um houvera de ser

O singular é o que coloca a água e a faz rapidamente aquecer

Prepara seu café matinal, sem reclamantes para o aborrecer

Vida estranha essa tal de singular, me disse a senhora da padaria

Ora, se nada perguntei, dispenso sua antipatia.

Fui comprar minha baguete e recebi ousadia

De quem fuça minha vida e logo se frustra por nada encontrar.

Café e pão prontinhos, mesa colocada

Guardanapo de um lado, xícara lavada

Manteiga perfumada, louça arrumada

Aguardando a chegada do prato principal.

No prato pequeno, a salgada beleza

No maior, a doce tristeza

Prontas para serem degustadas,

sem conflito de interesses ou objeções

O cardápio está apresentado

Não há muitas opções

Engulo a beleza às pressas e fatio a tristeza, em frações?

Ou abocanho ambas, num golpe, e evito decepções?

Será que a beleza e a tristeza do cardápio são frutos do meu olhar?

Não deveria eu eleger meu próprio sabor, me aventurar?

Superando o conflito, sinto nas papilas a fusão do dulçor e da salgadez, sem receio de me

intoxicar

Misturando a beleza e a tristeza nas doses que o meu corpo julgar.

Francisco Coelho, 21 de outubro de 2021.

RAIZ DA VIDA

Gostosa, quentinha
Chico lembrava na canção do carioca
Vontade de cravar os dentes, sentir com a língua
Calma, não se excite! Eu falo da tapioca.

Tapioca vem da farinha
E a farinha de onde vem?
Ela não cai do céu como chuva
Mas brota do polvilho de alguém.

Esse alguém é a mandioca
Senhora mandioca! Convém lembrar
Alimentou, nutriu, deu força
Para o nativo cuidador da Terra e para o filho da puta que veio aqui explorar.

Tem gente que acha que ela não é daqui
Veio da Europa, na leva do que foi importado.
Mas, te digo, é patrioticamente brasileira
O Tupi sabia disso e, com ela, deixou um legado.

O nosso índio, preocupado com a vida
Compartilhou o seu conhecimento até com quem veio explorar:
Não se come mandioca como se faz com a batata, dizia.
O invasor estava a salvo! Escapou de se intoxicar

Para os mais safados, especialmente
Há quem a converta em símbolo sexual
Seja fina, seja grossa, peluda ou lisa
Para mim, literalmente não vejo opção igual.

Da farofinha de domingo à tapioca recheada
Possui o açúcar da raiz, que o corpo precisa

É o presente da Terra com o amido da salvação

Mandioca é força, é Brasil, é vida.

Francisco Coelho, 7 de novembro de 2021

PARA ONDE?

Me perguntaram para onde eu iria

De súbito, não soube o que dizer

Suei frio, a tensão contraia meus músculos

De fato, esperavam que eu fosse responder.

Depois de um tempo, veio a mesma pergunta

O que me trouxe nova apreensão

Esperavam que eu declarasse meu destino

A condenação se expressava nos olhos dos que detestavam a inexatidão.

Não durou muito o momento de paz

Bateram à porta com a força de um tufão

Sujeito homem, bem formado, assim disseram

A ausência de certeza provocou dor, mas não foi no meu coração.

Por que exigem que eu saiba o destino?

Por que não responder o que se espera cutuca o fundo da ferida?

Confesso, avancei! Já sei o que não quero:

Me preocupar com o que o outro pensa da sua vida.

Anos se passaram, acabei me acostumando

Com a famigerada fala, regada à simpatia ou devassidão

Para onde você vai? O que fará? Com quem? Onde?

Por vezes questiono se a perturbação é real ou se trata de uma mera ilusão.

Cansado de tanta fofoca, fugi para uma ilha deserta

Isolado, calado, na minha, em certo momento senti que alguém me seguia

Joguei fora a morosidade e caminhei o mais rápido que pude

Inebriado, vejo escrito na areia: terá que me dizer um dia!

Deitado, em meu leito de morte, alguém sussurou em meu ouvido:

Sabe para onde vai? Disse a voz meiga, doce e gentil

Consegui abrir um dos olhos e respondi, com a delicadeza fúnebre:

Com toda a certeza, vou para a puta que te pariu!

Francisco Coelho, 7 de novembro de 2021.

TURMA DO FUNDO

Me recordo de minha adolescência

Época em que era intimado a estudar.

A prima obrigação era compor um boletim azulado

Pouco importava se eu aprendia ou se o conhecimento fosse agregar.

Algo me intrigava na escola:

A obsessão pelo sagrado ritual

Silêncio, copiar sem reclamar, notas altas

Se a meta era atingida, ninguém se dava mal.

O fato é que em toda regra repousa uma excessão

As ovelhas renegadas assumiam o papel imundo

Para estes, o ritual era doloroso e macabro

Sem reconhecimento, compunham a turma do fundo.

Papos paralelos, questionamentos, caderno em branco

Peculiaridades que marcavam aquela ambiência

Era ausente de luz, alumno, sem brilho

Quem sentava atrás, decretava sua sentença.

Mas, por que o fundo era cobiçado por tantos?

Levei décadas para propor uma explicação

Não se tratava de ser ou não inteligente

Mas de ter aconchego, um sorriso, um irmão.

Quem senta no fundo é rebelde?

Quem não se destaca na frente é desviado?

Ou temos aprendido de forma distorcida

E o que achamos que é certo está errado?

Dizem que o jovem não quer nada

Mas, quem o perguntou para saber?

Todo ser humano anseia em aprender algo

Que nem sempre é o que a escola insiste em oferecer.

Francisco Coelho, 11 de novembro de 2021.

A DOR DO ESCURECER

Eu escureço, tu escureces, nós escurecemos!

A mediocridade carrega, para alguns, a alegria.

Outros pisam, desdenham, desprezam a simpatia

Da melanínica pele que é subjugada por sua cor.

O mundo se torna escuro, sem clareza

Tudo é nebuloso, sem certeza

O esclarecimento, enfim, sucumbe à soberba e traz a triste verdade de que não somos iguais.

Houve o tempo da crença na igualdade

Da esperança em amar o alheio, sem vaidade

Mas a própria liberdade do povo preto, em verdade

Ressona o eco doloroso de um jogo de interesses imperiais.

O preto se coloca à margem do branco

O orixá é demônio, Jesus é Santo!

A cor da pele identifica, marca, segrega

E revela a impiedade do sequestro:

gente africana que um dia sumiu e não mais voltou.

O nativo, bem cedo percebeu a nobre intenção da Coroa:

Explorar temperos, pedras preciosas, pessoas

Não importava se pagariam com suas vidas

Ou com os gritos de dor que ecoavam nas senzalas.

Eu escureço, tu embranqueces!

A alienação escraviza, por vezes entorpece

Chicoteia a humanidade e a fere moralmente

Pela ignorância e pela segregação do racismo estrutural.

Por que a imagem do branco é denegrida?

Tornar negro é ruim, deixa sofrida

a vida do branco que sequer pensou se o preto sentia dor?

Mas, onde intervir, o que fazer

para que o círculo de ódio seja derrubado?

Parece que o amor não prevalece e a cada dia se revela amputado.

Tem vezes que me olho no espelho e confesso, nem sei como lutar.

Lacrimejo, suspiro e me dou um ultimato:

O racismo é real, porém não inato.

É o preto que sente, isso é fato.

E, na sua existência, se reconhece e compadece pela dor do escurecer.

Francisco Coelho, 30 de julho 2021.

SUGESTÕES, À GUISA DE FINAIS

Se você navegou nessas décadas plenas,

Proponho a você um desafio

Não se trata de voar de asa delta

Tampouco, mergulhar na Foz de um profundo rio.

A sugestão é bem mais simples

Mais do que você possa imaginar

Embora envolva um vôo bem alto

Não cogite a ideia de se machucar.

Não guarde esse livro como enfeite de estante,

Segue minha primeira sugestão.

Também não deixe que acumule pó

Ele não foi produzido à custa dessa intenção.

Explore, sinta, indague a si mesmo

E eleja o poema que mais lhe apurou a emoção

Permita que outros compartilhem nossa sensibilidade

E perpetuem a poesia como a arte de tocar o coração.

Francisco Coelho

SOBRE O AUTOR

FRANCISCO COELHO - é amante da poesia e da liberdade de expressão. Como poeta, cientista e professor, ele tem investido na interseção entre a Arte, a Ciência e a Literatura como novos caminhos para aflorar a sensibilidade humana. Há anos tem levado a arte do "se expressar sem prejulgamentos" para a sala de aula das escolas públicas, promovendo interlocuções entre os saberes científicos e literários, especialmente a partir da literatura de Cordel e da Poesia. Foi o idealizador, em 2009, do projeto Natureza e Arte desenvolvido por anos pela Prefeitura Municipal de Rio das Ostras (RJ). É autor dos livros Beth e o Pulgão (2020) e Lulumel, a doce abelha operária (2020), obras da coleção infantil Encantações da Natureza. Coordena o Projeto Drogas, Educação e Saúde na Educação de Jovens e Adultos (DESEJA) em escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, organizando anualmente o Sarau do Noturno do Projeto DESEJA, com a intenção de estimular sensibilidades e criatividades a partir de diferentes expressões poéticas.

CAMINHANDO EM MÚLTIPLAS EXPRESSÕES POÉTICAS

Esta obra é fruto de expressões poéticas específicas de duas décadas. Expressões tímidas que começaram a se atirar ao vento. Elas envolvem o amor, a dor, a paixão, a frustração, a abdicação, mas também as tristezas e as lamúrias da grandiosidade da vida. Por isso, estão imersas no período que denomino de "décadas plenas". Abarcam experiências íntimas comigo mesmo e impressões que carreguei (e tenho carregado) com o mundo e por ele. Com mais delicadeza, é possível chegar ao entendimento do quanto nossa vida é poética em essência. Como ouso declarar nas páginas iniciais desta obra, a minha existência sempre foi poética. E por que não pensar em seres poéticos? Será que assim não o somos? Métricas, critérios, ajustes, muitas dinâmicas nos assistem a organizar as palavras no texto, mas nem todos conhecem tais caminhos. Contudo, independente disso, é possível sentir e registrar as palavras. Registrar o que se sente é único, é motivante, é clareador e nos ajuda a saber quem somos. O fato é que para sentir não há regras. A certeza única - se é que há certezas - é a presença do sentimento. Sinta, escreva e deixe as palavras percorrerem o mundo!

Francisco Coelho, O autor.

Ano 2022

CAMINHANDO EM MÚLTIPLAS EXPRESSÕES POÉTICAS

Esta obra é fruto de expressões poéticas específicas de duas décadas. Expressões tímidas que começaram a se atirar ao vento. Elas envolvem o amor, a dor, a paixão, a frustração, a abdicação, mas também as tristezas e as lamúrias da grandiosidade da vida. Por isso, estão imersas no período que denomino de "décadas plenas". Abarcam experiências íntimas comigo mesmo e impressões que carreguei (e tenho carregado) com o mundo e por ele. Com mais delicadeza, é possível chegar ao entendimento do quanto nossa vida é poética em essência. Como ouso declarar nas páginas iniciais desta obra, a minha existência sempre foi poética. E por que não pensar em seres poéticos? Será que assim não o somos? Métricas, critérios, ajustes, muitas dinâmicas nos assistem a organizar as palavras no texto, mas nem todos conhecem tais caminhos. Contudo, independente disso, é possível sentir e registrar as palavras. Registrar o que se sente é único, é motivante, é clareador e nos ajuda a saber quem somos. O fato é que para sentir não há regras. A certeza única - se é que há certezas - é a presença do sentimento. Sinta, escreva e deixe as palavras percorrerem o mundo!

Francisco Coelho, O autor.

Ano 2022